

O DISCURSO DA EDUCAÇÃO AMBIENTAL EM ARTEFATOS CULTURAIS DA ATUALIDADE¹

Paula Corrêa Henning

Universidade Federal do Rio Grande – FURG. Brasil
paula.c.henning@gmail.com

Bárbara Hees Garré

Instituto Federal Sul Riograndense – IFSUL. Brasil
barbaragarre@gmail.com

Virginia Tavares Vieira

Universidade Federal de Pelotas – UFPel. Brasil
vi_violao@yahoo.com.br

Resumo

O artigo pretende discutir sobre uma pesquisa em andamento que traz como objetivo investigar o discurso de Educação Ambiental em artefatos culturais da atualidade. Foram materiais recortados dos últimos quinze anos que circulam nas escolas e na sociedade de uma forma geral. Parte-se do entendimento que esses artefatos auxiliam na fabricação de um discurso que ensina os modos de ser, olhar e se comportar no ambiente em que vivemos. Para isso, após o escrutínio dos dados coletados e a partir de ferramentas da análise do discurso em Michel Foucault, “criamos” dois enunciados que dão a ver o discurso de Educação Ambiental nos artefatos culturais sob investigação, quais sejam: Terror e Medo pela perda do Planeta e Antropocentrismo. Com enunciações potentes, foi possível problematizar enunciados que sustentam e apoiam essa formação discursiva, ensinando modos corretos de ser sujeitos no mundo contemporâneo.

Palavras-chave: Educação Ambiental; Antropocentrismo; Terror e Medo.

Abstract

In this article we discuss an ongoing research whose objective is investigating

¹ Projeto financiado pelo CNPq Universal 2014-2016/Brasil.



the environmental education discourses in current cultural artifacts. They were clippings from the last fifteen years that circulate inside schools and in our society in general. We understand these artifacts help in making a discourse that teaches ways of being, looking at and behaving in the environment in which we live. With this purpose, after scrutinizing the collected data, and based on Michel Foucault's discourse analysis tools, we have 'created' two statements that show the environmental education discourses in the investigated cultural artifacts, namely: Terror and Fear for the loss of our planet and Anthropocentrism. With powerful enunciations it was possible to problematize enunciations that sustain and support this discursive shape, teaching us the correct ways of being subjects of the contemporary world.

Keywords: Environmental Education; Anthropocentrism; Terror and Fear.

Introdução

Na atualidade, a Educação Ambiental vem cada vez mais ganhando força e potência, estando presente em nossa vida, de diversas formas diferentes, seja em ações de nosso cotidiano como a escolha por uma sacola retornável, economizando água, reciclando o lixo, plantando árvores; seja em ações políticas, econômicas e sociais, nas quais a questão ambiental tem sido pauta de encontros nacionais e internacionais preocupados com o futuro do Planeta. Cada vez mais existem políticas voltadas para a questão ambiental, diversas instituições governamentais e não governamentais não têm medido esforços para procurar alternativas para enfrentar os problemas ambientais que vivemos.

Diante desse cenário, pesquisas no campo da Educação Ambiental viraram moedas fortes e indispensáveis para pensarmos nossa atualidade. É desse desejo de pensar o presente que nossa pesquisa nasce. Tendo como problemática maior analisar como vem sendo produzido o discurso de Educação Ambiental em artefatos culturais de ampla circulação na escola e na sociedade de forma geral, a investigação insere-se no campo dos estudos denominados pós-estruturalistas. Seu *corpus* discursivo é constituído de reportagens da revista *Veja* – uma revista de ampla circulação nacional –, filmes de animação e letras de música do *rock and roll*. Todos esses materiais são datados dos últimos quinze anos (2000-2015).



Com esse estudo não buscamos respostas de *como fazer* uma adequada Educação Ambiental, mas sim nos propomos a discutir de que forma a EA vem sendo narrada, produzida e enunciada na atualidade. Que relações de força podemos travar com as verdades proliferadas sobre esse campo de saber? Quais enunciados esses artefatos colocam em destaque acerca da EA? Quais enunciações e verdades vêm sendo produzidas acerca da questão ambiental? De que forma esses materiais auxiliam na subjetivação de ações marcadas pelo *agir ecologicamente correto*? Essas são algumas questões de pesquisa que movem nossa investigação. Inquietadas por essas provocações, produzimos esse artigo, querendo problematizar enunciações que reverberam modos de vida ecologicamente corretos.

Ferramentas Teóricas e Analíticas

Para adentrar na discussão propomos, inicialmente, delinear alguns traçados teóricos que mobilizam o estudo. O que entendemos por Educação Ambiental? O que é natureza, meio ambiente, cultura? Diante disso, vale a pena percorrer autores que se tornam intercessores desse estudo.

A Educação Ambiental se insere no movimento da ciência na modernidade sólida, criando, uma forma de olhar o mundo através de polaridades excludentes e através dela passamos a olhar e a pensar o mundo como pólos antagônicos: sujeito/objeto, natureza/cultura, certo/errado entre tantos outros (Carvalho, 2008). A natureza foi sendo tomada como um objeto a ser explorado, conhecido e alterado pelo homem. Nessa concepção a natureza foi sendo dicotomizada do mundo da cultura. A partir daí entende-se de que forma foi sendo construída uma visão de EA fortemente marcada por uma concepção naturalista, ecológica e biológica que separa o homem da natureza. Será possível pensarmos a EA para além desse ideário da modernidade científica? Será que conseguimos escapar da ordem e do saber legitimado pela ciência mesmo num tempo de fluidez?

Para tanto aproximamo-nos do entendimento de Educação Ambiental ao que Reigota (2009, p. 13) chamou de uma “educação política”, ou seja, uma educação que considera as abordagens de cunho político, econômico, social e cultural. Nessa perspectiva a Educação Ambiental estabelece relações entre o homem e a natureza, entendendo que ambos não estão dissociados, mas que se integram, se produzem e se modificam na cultura. Tal entendimento considera a importância da ética nas relações sociais e nas relações com a natureza. Assim, a EA estaria profundamente



relacionada com as questões culturais, que produzem nossas vidas e com as quais convivemos e modificamos diariamente.

A partir de tais entendimentos a visão de “natureza conservada”, “natureza selvagem” ou “natureza intocada” como pregam as correntes naturalistas da Educação Ambiental, torna-se insustentável, uma vez que entendemos o homem como parte da natureza e vice-versa. Segundo Carvalho (2008) a forma como a natureza vem sendo representada muitas vezes remete a ideia de um mundo natural e biológico. Nesses contextos o homem aparece como uma ameaça destrutiva à natureza, que é boa, pura e pacífica. A autora propõe uma reflexão sobre os conceitos de natureza e meio ambiente contidos em tais ideários. Argumenta que estes se fundamentam numa visão naturalista que “baseia-se principalmente na percepção da natureza como fenômeno estritamente biológico, autônomo, alimentando a ideia de que há um mundo natural constituído em oposição ao mundo humano” (2008, p. 35). Em contrapartida, apresenta uma outra abordagem, a qual se propõe a estudar, problematizar e que chama de “socioambiental”. Aqui “a natureza e os humanos, bem como a sociedade e o ambiente, estabelecem uma relação de mútua interação e copertença, formando um único mundo” (Idem, p. 36).

Romper com uma visão de polaridades excludentes, na qual homem e natureza estão separados, a primeira relacionando-se ao mundo social e cultural e a segunda ao mundo biológico não é tarefa fácil. A EA foi se construindo e se fortalecendo através desse olhar binário, e as concepções mais tradicionais tomam o homem como o destruidor do mundo natural. Para essas vertentes há que se fazer uma retomada para que a natureza seja reconstruída e recuperada.

Ao falar da articulação entre natureza e cultura, Guimarães em entrevista ao Jornal “A Página” nos propõe importante reflexão:

Os modos como enxergamos e nos relacionamos com a natureza são frutos do momento histórico em que vivemos. Muitas vezes, não percebemos que os nossos atos, as maneiras de narrar acontecimentos, os modos de vermos a nós mesmos e aos outros, tudo isso são negociações que vamos estabelecendo diariamente com os significados que nos interpelam através da cultura. (2006, p. 7)

O autor nos coloca a pensar o quanto a forma com a qual olhamos a natureza é construída de acordo com a cultura que vamos nos inserindo e participando no decorrer da vida. Assim, olhar a natureza, o meio ambiente e a própria Educação



Ambiental requer que nos coloquemos a pensar nos atravessamentos e nas relações sociais e culturais que vamos travando e que fazem parte da nossa constituição enquanto sujeitos. Aqui não há uma fórmula correta de olhar a natureza e sim entender que o modo como a olhamos não é neutro e muito menos individual. É, isto sim, repleto de interferências do mundo em que vivemos e no qual agimos e interagimos. Dessa forma, existem múltiplas formas de ver, compreender e enunciar a natureza, considerando o momento histórico, político, social e cultural do qual faz parte.

Ampliar as possibilidades de contato com a questão ambiental é uma das provocações suscitadas por Wortmann (2001). A autora problematiza a forma como a natureza vem sendo representada e consumida na atualidade. Apresenta algumas análises na direção de provocar o modo como alguns anúncios publicitários vendem uma realidade “mais natural” do que outra, e ainda de que forma consideramos determinado meio mais próximo da natureza do que outro. Para a autora estas são construções históricas e culturais que se relacionam com nossa constituição social. É preciso estarmos atentos para olhar essas questões.

A partir desses estudos provocamo-nos a pensar na forma como fomos ensinados a olhar para o campo ambiental, para a natureza e para o meio ambiente. Uma concepção naturalista vai constituindo, ainda nos dias de hoje, nossos modos de enxergar a natureza. Seria possível produzir outros olhares para o campo de estudos da Educação Ambiental para além de uma concepção naturalista, ecologista e esverdeada?

Vale colocar em suspenso tal *ideário natural* pra pensar outras possibilidades para nossa existência e contato com o natural, para além destas dicotomias e reducionismos. Guattari (2009) nos ajuda a olhar de outra forma para as relações do homem com o meio ambiente.

As formações políticas e as instâncias executivas parecem totalmente incapazes de aprender essa problemática no conjunto de suas implicações. Apesar de estarem começando a tomar uma consciência parcial dos perigos mais evidentes que ameaçam o meio ambiente natural de nossas sociedades, eles geralmente se contentam em abordar o campo dos danos industriais e, ainda assim, unicamente numa perspectiva tecnocrática, ao passo que só uma articulação ético-política – a que chamo ecosofia – entre os três registros ecológicos (o do meio ambiente, o das relações sociais e o da subjetividade humana) é que poderia esclarecer convenientemente tais questões



(Guattari, 2009, p. 8).

O autor alerta que a questão central atualmente é a maneira de vivermos em relação ao planeta, considerando o crescimento populacional e os rápidos avanços tecnológicos e científicos. Defende a ideia de que uma possibilidade de resposta à crise ecológica necessitaria de uma “revolução política, social e cultural” (Guattari, 2009, p. 9). Assim, é fundamental que se pense a partir de abordagens que compreendam a sensibilidade, a inteligência e o desejo. O autor aborda ainda a necessária “re-singularização” individual e coletiva. Dessa forma, é possível pensar numa proposta ecosófica que permita a criação de espaços de resistências e de lutas na busca de ações éticas e políticas para o campo da Educação Ambiental, atentando aos três registros ecológicos.

Segundo Guattari (2009), a ecosofia social compreenderia uma reinvenção das relações sociais. Tal reinvenção perpassaria tanto em níveis microsociais quanto em situações sociais mais amplas. A dinâmica dessas relações não seria uma retomada dos “velhos tempos”, mas justamente uma modificação nas formas de nos relacionarmos a partir da constituição e compreensão de novas subjetividades. Já a ecosofia mental provocaria uma reinvenção da relação do sujeito com o seu próprio corpo, procurando romper com conformismos e uniformizações. Assim, estabeleceria uma outra maneira de olhar para si, inventando outros modos de constituir-se enquanto sujeito. Esses dois registros ecosóficos são fundamentais na articulação com o terceiro, o da subjetividade humana. Aqui caberia pensar em “componentes de subjetivação”, já que tal processo se dá na dinâmica das relações do sujeito como o mundo social. Tal proposta ecosófica provocaria novas práticas sociais e também analíticas, articulando outras criações e a formação de subjetividades-ecológicas. Nessa perspectiva, as ações ecosóficas são mobilizadas por agenciamentos maquínicos que provocam pensar em novas mentalidades articulando ecologia, política e filosofia.

Assim, pensar a EA numa perspectiva ecosófica é assumir a interlocução com o contexto social, político, econômico, cultural, midiático, ético e estético.

[...] Alio a essa consideração a suposição de que a cultura, através das práticas derivadas dos inúmeros artefatos (os filmes, os vídeos educativos, as revistas, as histórias em quadrinhos, os livros didáticos, os romances, as novelas televisivas, os documentos históricos, os relatos de viagem, entre inúmeros outros) produzidos em diferentes instâncias de produção cultural, é o locus central das disputas e negociações



dos significados dados à natureza e, também, às possíveis formas de estabelecermos relações com ela. (Guimarães, 2007, p. 241).

Na correnteza do autor, entendemos que as enunciações dos artefatos culturais que tratam da temática ambiental nos ensinam algumas verdades sobre o meio ambiente e a natureza. Verdades estas que são construídas e legitimadas nas relações de força colocadas em funcionamento através da interpelação da mídia. Muitos desses artefatos são fabricações midiáticas – histórias em quadrinhos, reportagens, cinema, etc. – que auxiliam na forma como olhamos a natureza, a relação do homem com a mesma, a crise ambiental, etc. Segundo Gomes (2003), o que está na mídia se torna realidade. Não há como negar a força e a produtividade dela no nosso cotidiano e a forma intensa como faz parte de nossas vidas. Assim, vamos participando dessa construção, aceitando ou recusando os ensinamentos que ela nos propõe, mas que de alguma forma nos interpelam. Aqui enxergamos os movimentos colocados em operação pelos artefatos culturais e entendemos que são uma forma de educar e ensinar sobre a questão ambiental.

Seguindo a discussão, vale salientar que o conceito de Pedagogia Cultural tem sido utilizado por alguns autores da corrente dos Estudos Culturais, que centralizam o papel da cultura na constituição da sociedade. Tal campo de estudos atribui à cultura função importante na análise das relações sociais. A cultura assume uma outra perspectiva, sendo constituída e constituindo nossas vidas. Assim, o conceito de cultura se amplia, compreendendo-se como processo de circulação e produção de significados e sentidos na sociedade. Dessa forma, o campo dos Estudos Culturais configura-se como espaço que possibilita o enfrentamento, a análise, a luta e a discussão das relações sociais e da produção dos artefatos culturais.

A centralidade da cultura, marca a forma como a cultura penetra em cada recanto da vida social contemporânea, mediando tudo que nela acontece; sublinha, também, que a cultura está no “coração” da vida social de forma intensa, na medida em que meios de comunicação de massa, cada vez mais diversificados e sofisticados, fazem os significados circularem em uma escala de abrangência, e com uma rapidez, nunca anteriormente alcançada. (Wortmann, 2001, p. 36) [grifos da autora].

O conceito de Pedagogia Cultural se insere nessa correnteza, sendo entendido como uma forma pedagógica de ensinar a partir de determinadas produções culturais. A forma como olhamos a questão ambiental, a natureza e a própria crise ambiental não está isenta da interpelação midiática e dos atravessamentos culturais. Somos



ensinados a ler a natureza de determinadas formas e a partir de tais ensinamentos estabelecemos uma relação com ela. Não somos obrigados a agir de determinada forma, mas a cultura que nos constitui nos produz enquanto sujeitos desse tempo, marcados pela preocupação com a crise ambiental que se instala na atualidade. Assim, tomarmos um posicionamento frente a tal crise está intimamente relacionado ao modo como somos constituídos culturalmente. Nessa perspectiva é que tomamos os artefatos em análise como uma Pedagogia cultural, que nos produz, que produz nossas vidas, mas a qual também produzimos e damos sentidos.

Em nossa pesquisa não olhamos para eles – os artefatos culturais – como bons ou ruins, como manipuladores de nossas ações. Longe disso. Tomamo-los como importante estratégia para circulação de diferentes aprendizagens, que se tornam produtivas em nossas vidas. Eles não operam sozinhos, fazemos parte desse jogo, escolhendo aceitar ou não a persuasão do discurso. Aqui olhamos para a produtividade dos artefatos culturais como Pedagogias Culturais que operam para ações ambientalmente corretas.

Reportagens da *Veja*, letras de música do rock, filmes de animação, por exemplo, constituem-se como significativas formas de aprendizagem acerca da questão ambiental, nos ensinando como agir frente à crise, quais relações devemos estabelecer com o mundo natural e de que modo devemos nos constituir enquanto sujeitos ambientalmente responsáveis pelo planeta em que vivemos.

É dessas análises que trataremos, sumariamente, a seguir. Trata-se de olhar com desconfiança para enunciações que nos são dadas como tranquilas e certas, direcionando nossos modos de existir e conviver com o ambiente que nos cerca.

Para isso, a partir dos ensinamentos sobre análise do discurso, com Michel Foucault,² “criamos” dois enunciados que auxiliam, decisivamente na constituição do discurso de Educação Ambiental nos artefatos culturais em evidência. Chamamo-los de 1- Terror e Medo pela perda do Planeta e 2- Antropocentrismo.

Entendendo que os enunciados são os átomos do discurso, Foucault nos ensina que um discurso constitui-se de “[...] um conjunto de enunciados que se apoia na mesma formação discursiva” (Foucault, 2002, p. 135). Assim sendo, os dois enunciados colocados aqui sob análise são potentes átomos que, emaranhados, imiscuídos e articulados entre si dão a ver o discurso de Educação Ambiental nos

² A este respeito ver Foucault (2002 e 2004) nas referências deste artigo.



artefatos culturais investigados.

[...] considerarei, não que eu tenha construído um modelo teórico rigoroso, mas que tenha liberado um domínio coerente de descrição – do qual, se não estabeleci o modelo, pelo menos abri e preparei a possibilidade – se tiver conseguido ‘fechar o círculo’ e mostrar que a análise das formações discursivas está bem centrada na descrição do enunciado em sua especificidade. Em suma, se tiver conseguido mostrar que as dimensões próprias do enunciado é que estão utilizadas na demarcação das formações discursivas. Não se trata de fundar, de direito, uma teoria [...] mas sim, no momento, de estabelecer uma possibilidade” (Foucault, 2002, p. 133)

Um domínio coerente de descrição. É assim que Foucault refere-se à análise do discurso. Não existe a pretensão de fazer dessa possibilidade um Teoria ou Método de pesquisa – no sentido mais duro do termo – mas de demarcar, cercar, circunscrever as condições de existência e as correlações dos enunciados entre si. São eles, que potencializados, dão suporte, tom e visibilidade ao objeto discursivo em ação: aqui especialmente, a Educação Ambiental.

Foucault nos convida a olhar para o discurso como aquilo que é dito, praticado. Ou seja, aquilo que se faz quando se diz ou se age. Assim, ao invés de partirmos dos universais, dos grandes acontecimentos (embora eles também sejam visitados), nos parece mais importante compreender que as práticas constituem “[...] o conjunto da história que as faz ser”, ou seja, “as coisas, os objetos não são senão os correlatos da prática” (Veyne, 2008, p. 256). Trata-se de entender que a fabricação de determinados objetos é efeito de uma multiplicidade de práticas e discursos.

Para analisar os discursos segundo uma perspectiva foucaultiana, primeiramente é preciso desprender-se das “fáceis interpretações”. Para Foucault não existe as entrelinhas do discurso. Interessa para o autor o que é dito, o que é visível, ficando assim no nível do próprio discurso. Quando nos propomos a ficar no nível de existência do próprio discurso, significa que não há nada por trás do discurso. Ou seja, é compreender que o discurso colocado em suspenso não está carregado de reais intenções, nem de significados e representações que nos possibilitem encontrar, através dele, uma verdade que estivesse em seu estado de perfeição. O que existe nos discursos são enunciados que se articulam e constituem uma determinada formação discursiva. Aqui, olhamos para a formação discursiva da Educação Ambiental presente em alguns artefatos culturais.

É partindo dos ensinamentos a respeito da análise do discurso, enquanto

método de inteligibilidade, como nos ensina Foucault (2002) que voltamos nosso olhar a algumas enunciações potentes desses artefatos e as condições de existência dos dois enunciados que colocamos luz.

Terror e Medo pela Perda do Planeta

Nesta seção colocamos em discussão alguns ditos dos artefatos culturais selecionados, dando visibilidade ao enunciado do Terror e Medo pela perda do Planeta. Entendemos que esses dizeres são produtivos, compondo nossas vidas e nossos modos de ser, pensar e olhar para a problemática ambiental na atualidade. Através deles somos capturados e dessa forma vamos participando de uma grande campanha mundial em prol do Planeta. Pois cada um e todos são responsáveis pela vida na Terra!

Constatamos que nos dados empíricos, recorrentemente aparecem enunciações que tratam da questão ambiental de forma assustadora, apocalíptica, chamando a atenção para a preocupação que devemos ter com o futuro da vida no Planeta. Nas reportagens de capa da revista *Veja*, por exemplo, geralmente somos interpelados a ver e a dizer sobre a crise ambiental de determinado modo.



(Revista *Veja*, out. 2005)



(Revista *Veja*, nov. 2009)



(Revista *Veja*, dez. 2009)

Como podemos visualizar nas imagens em destaque acima, somos convocados a pensar, ver e falar sobre a crise que se coloca e que interpela a todos nós, afinal todos somos responsáveis com o futuro do Planeta. Através de tal apelo midiático, vamos nos responsabilizando e nos culpabilizando pela problemática ambiental que acomete a vida no século XXI. Afinal, o homem é o tomado como o grande responsável pela destruição da natureza! Ele devorou ou está devorando o planeta num ritmo acelerado! Como reverter este processo? Como conter o Fim do Mundo? Essas e outras provocações nos colocam constantemente em embate, pois vamos assumindo a culpa e entendendo que devemos fazer algo para minimizá-la. Estamos



pagando o preço pela degradação cometida por anos e mais anos. Agora precisamos agir e agir rápido, para tentarmos ter uma vida digna. Como escapar desse caos, dessa crise?

Nos filmes de animação *Batalha por T.E.R.A* (2007) e *Wall.E* (2008), a escapatória está na possibilidade de vida fora do Planeta. Esses filmes nos mostram, em meio às suas fantasias e imaginações infantis, que em alguns anos podemos estar experimentando a vida de outras formas e em outros locais devido as nossas ações atuais com a natureza e o Planeta Terra. Nesse sentido, a potência das enunciações que se apresentam nos filmes não está na veracidade ou não desses fatos, mas nos efeitos que o discurso da devastação ambiental produz, fazendo com que nossas atitudes sejam revistas e redesenhadas a favor do Planeta. “[...] o principal não é o medo do perigo, mas aquilo no qual esse medo pode se desdobrar, o que ele se torna” (Bauman, 2007, p.15). Assim, vamos sendo interpelados, pois tais discursos catastróficos, seja o da revista que nos coloca frente à possibilidade de fim da vida na Terra; seja o dos filmes que já nos colocam a viver fora do ambiente terrestre devido ao desgaste que causamos ao nosso Planeta, nos posicionam como sujeitos que destruíram a natureza e que se não fizermos algo logo, as probabilidades de não termos mais esse planeta para viver são cada vez maiores.

Lamento dizer, mas eles não tinham alternativa. Esse era o mundo deles, a Terra, um planeta abundante... Mas com limitações. Eventualmente, os humanos esgotaram os recursos naturais do mundo deles. Dois planetas vizinhos, Marte e Vênus, foram transformados. Foram criadas colônias. Dois séculos depois, as colônias reclamaram independência. Significou guerra.

Todos os três planetas foram destruídos. Tudo foi destruído. Os sobreviventes só tinham uma alternativa, viajar para além de seu sistema solar, para o planeta mais próximo que pudesse sustentar suas vidas. A viagem durou várias gerações e trouxe-os aqui. Chamaram esse planeta de T.E.R.A (Batalha por T.E.R.A, 2007) [grifos nossos].

Dá para parar!

Ei, pilotos automáticos!

Tenho más notícias, a operação limpeza falhou.

Aparentemente os crescentes níveis de tóxicos deixaram a Terra inabitável.

Droga, teremos que cancelar a operação Recolonização.

Então mantenham a rota, ao invés de consertar esse problema, é mais fácil que todos permaneçam no espaço.

Vou cancelar a diretriz A113.

Controlem a nave, assumam o controle de tudo e não voltem para Terra.



Repito, não voltem para a Terra (Wall.E, 2008) [grifos nossos].

Enunciações como as em destaque acima nos interpelam de forma avassaladora, nos colocam a viver cotidianamente a problemática ambiental que emerge na atualidade. O homem é o culpado! Ao colocar tal consigna em análise, não queremos nos eximir de nossas responsabilidades, queremos problematizar a concepção que separa o mundo natural do mundo social e cultural. Compreendemos que a crise ambiental vivenciada por todos nós é decorrente do nosso modo de vida, da maneira pela qual interagimos com o meio ambiente, pelo consumismo exacerbado da vida atual. Porém, entendemos que não há como separar as questões relativas ao ambiental, do social, do cultural e do político. Nossa intenção é de provocar o pensamento acerca de tais questões, entendendo que o homem faz parte da natureza, produz modificações, mas também é produzido por elas. Nesse sentido, concordamos que é nos atravessamentos culturais que se dão tais relações.

Talvez Félix Guattari (2009) nos ajude a pensar em estabelecer novas relações com o social, o ambiental, o cultural e o político. (Re) inventaríamos outras possibilidades de nos relacionar com o meio ambiente, perpassando pelos eixos sociais, ambientais e da subjetividade humana. O autor defende a ideia de que uma possibilidade de resposta à crise ecológica necessitaria de uma “revolução política, social e cultural” (2009, p. 9). Assim, é fundamental que se pense a partir de abordagens que compreendam tais dimensões e a necessária “re-singularização” individual e coletiva. Quem sabe esse seja um dos desafios colocados a nós na atualidade, de reinventarmos outros modos de vida, considerando os aspectos propostos pelo autor. Nos excertos abaixo, extraídos de letras de música do *rock and roll*, apresentamos algumas enunciações que reforçam as ideias suscitadas nos outros artefatos culturais citados anteriormente.

[...] Nossa devoção a nosso apetite traiu a todos nós [...] Um perigo apocalíptico, mais destruição será revelada, a mãe Terra mostrará seu lado mais negro e cobrará seu preço. É apenas outro modo de morrer [...] Consequências que não podemos evitar com o tempo [...] Um sinal de devastação vindo. Nós não precisamos de outra maneira de morrer. Podemos nos arrepender a tempo? O relógio da bomba está rolando e ninguém está ouvindo. Nosso futuro está desaparecendo. Há alguma esperança de que nós sobrevivamos? Mesmo assim nós devastamos o mundo que amamos e os milhões clamam para serem salvos [...] É apenas outro modo de morrer [...] Espécies caem diante de nossos próprios olhos, um mundo sem o qual não podemos viver [...] Mesmo assim nós devastamos o mundo que amamos e os milhões clamam para serem salvos



[...] É apenas outro modo de morrer. (Donegan; Draiman; Wengren e Moyer, 2010) [grifos nossos].

Enganados por este mundo que se destrói pouco a pouco. São levados a esmolar pra que possa sobreviver e alimentar a ilusão que o homem vai sobreviver. Mais todos vão ter que encarar que o mundo sujo não vai mudar e tudo, tudo vai acabar. (Pozzi e Pozzi, 2004) [grifos nossos].

Humanidade é hora de dizer adeus, a festa acabou. O mundo que você criou acabou. (Humanidade). Em seus olhos, eu enxergo o fim dos tempos. “au revoir”. Adeus para sua insanidade. “Adios amigo” Chegou a hora. (Child; Meine; Brazilian; Frederiksen, 2007) [grifos nossos].

Os materiais acima nos provocam a pensar na relação que estabelecemos com a natureza e do quão importante é projetarmos o futuro. Somos convidados a pensar, ver e falar do presente, mas na medida em que ele está ligado ao futuro, à possibilidade de crise, aos riscos do caos, às probabilidades de fim da vida! Em tais ditos são constantemente afirmadas nossas responsabilidades por toda a degradação realizada até o momento. Precisamos, urgentemente, agir caso contrário não teremos este planeta para viver ou pelo menos para viver de forma digna. Com tais intervenções, os artefatos culturais sob análise nos persuadem a jogar, a participar e a viver o medo constante pela possibilidade da perda do Planeta. Somos constantemente posicionados a pensar no futuro, nos riscos, na crise, afinal somos todos responsáveis.

Segundo especialistas, se o efeito estufa continuar a crescer no mesmo ritmo, a temperatura média da Terra pode aumentar 5,8 graus celsius até 2100. Essa temperatura é 65% maior que o pior cenário de aquecimento global traçado há cinco anos por um grupo de cientistas. (Revista Veja, ed. 1696, outubro de 2001, p. 95).

No pior cenário, em algumas décadas o nível dos oceanos pode subir 80 centímetros. É uma catástrofe. Ilhas, deltas de rios, cidades costeiras acabariam debaixo das águas. (Revista Veja, ed. 1696, outubro de 2001, p. 95).

Estudos estimam que mantido o ritmo atual, a temperatura média da Terra subirá entre 2 e 4,5 graus até 2050. O debate científico não é mais sobre em que momento dos próximos cinquenta anos o aquecimento global se abaterá sobre nosso pobre planeta, mas sobre como escapar da arapuca que nós próprios armamos para as futuras gerações. (Revista Veja, ed. 1989, setembro de 2006, p.139 e 140).

Entendemos que as enunciações, tanto das reportagens da revista *Veja*, dos



filmes de animação *T.E.R.A* e *Wall.E* e das letras de música de rock, se constituem numa rede discursiva que coloca em circulação o que Foucault (1985, 2005, 2008a, 2008b) nomeou como biopoder, um poder preocupado com a vida da população. Ou seja, tais enunciações nos colocam constantemente a pensar na crise ambiental, no futuro do planeta e nos perigos que estamos submetidos caso não façamos nada para contê-los. Todos e cada um de nós fazemos parte desse movimento de salvar a Terra. Ações individuais e coletivas em prol da vida, do social, do ambiental são alvo das estratégias biopolíticas. O próprio autor argumenta que:

[...] a nova tecnologia que se instala se dirige à multiplicidade dos homens, não na medida em que eles se resumem em corpos, mas na medida em que ela forma, ao contrário, uma massa global, afetada por processos de conjunto como o nascimento, a morte, a produção, a doença, etc. (Foucault, 2005, p.289).

Tal estratégia de poder está sempre calculando, medindo, antecipando e prevenindo, pois é o futuro que está em questão. Dessa forma, estabelecer as probabilidades futuras torna-se uma ferramenta indispensável para tal tecnologia. Visualizamos nos extratos analisados o quanto os números, as porcentagens e as probabilidades estatísticas produzem um discurso potente, que nos coloca a pensar na crise ambiental e da necessidade de agirmos coletivamente em prol da vida do Planeta e de nós mesmos. Assim, o biopoder tem nos mecanismos de previsão, estatística e probabilidade, importantes ferramentas de mapeamento e diagnóstico. Essas ferramentas possibilitam traçar calculadamente, as estratégias de prevenção, garantindo a seguridade dos indivíduos, prevendo o que poderá ocorrer no futuro e agindo para impedir que algo coloque em perigo a vida da população.

Como não participar dessa onda verde em prol da vida da coletividade? Como não consumir produtos que reduzam os impactos ambientais? Como ficar indiferente ao quadro calamitoso que está se desenhando? Como não agirmos, não fazermos a nossa parte?

As enunciações tratadas nesta seção nos apresentam a situação que temos para enfrentar e do quanto a probabilidade é de que piore muito nos próximos anos. Para isso é necessário agir logo, cada uma fazendo a sua parte, em benefício da continuidade da vida no Planeta. Nossa provocação é no sentido de nos colocarmos a pensar em tais ditos e de que forma eles produzem nossas vidas públicas e privadas. Será que ao atendermos ao convite, ao apelo midiático, comprando um produto menos agressivo ao meio ambiente, economizando água ou plantando uma árvore



(esses são apenas alguns exemplos), estamos fazendo por entender que é necessária uma outra forma de nos relacionar com o ambiente ou fizemos por medo e culpa? Será que com tais chamamentos apocalípticos a mídia nos convida a pensar nas relações sociais, culturais e ambientais que estamos produzindo? Pensar em tais questões é o que tem movido nossas discussões.

Antropocentrismo: O Homem com o Cetro do Mundo

Como vimos ratificando neste artigo, os modos como nos relacionamos uns com os outros e com o nosso meio natural são frutos do momento histórico, social, político, econômico e cultural em que vivemos. Ou seja, não existe uma única forma de pensarmos, estarmos e nos relacionarmos com mundo. O atual momento de crise social e ambiental vivenciada por nós perpassa pelas negociações que vamos estabelecendo diariamente com os significados que nos interpelam através da cultura. Para Grün (2011, p. 22) a crise ecológica é “vista como um sintoma da crise da cultura ocidental”. Sendo assim questionamos: quais os valores que sustentam nossa cultura? Qual a relação existente entre homem, cultura, natureza e meio ambiente? É sobre este aspecto que gostaríamos de abordar neste momento.

Os materiais colocados em suspenso nesse texto dão visibilidade a uma linha de pensamento antropocêntrica. Verificamos recorrentes enunciações que apontam para o homem como aquele que destrói a natureza, sendo este o principal degradador e causador da crise ambiental. Além disso, há uma separação entre homem e natureza, ou seja, existe um mundo natural constituído em oposição ao mundo humano. Apoiadas por enunciações como as aqui apresentamos é que sustentamos um dos enunciados proposto no presente artigo – o antropocentrismo.

Nos excertos a seguir, as enunciações nos mostram como algumas letras de *rock*, de diferentes lugares dão visibilidade ao enunciado proposto:

Humanidade [...] Você vendeu sua alma para alimentar sua vaidade, suas fantasias e suas mentiras [...] Existe um preço a pagar por todos os jogos egocêntricos que você criou [...] Você assinou e selou isso. E agora tem que lidar com isso. O mundo que você criou acabou [...] Humanidade. (Child; Meine; Brazilian; Frederiksen, 2007).

[...] A indulgência em nossas vidas lançou uma sombra em nosso mundo, nossa devoção a nosso apetite traiu a todos nós [...] Não pode existir outra razão, você sabe que deveríamos ter previsto [...] Geleiras derretem conforme nós poluímos o céu [...]



Podemos nos arrepender a tempo? [...] Mesmo assim nós devastamos o mundo que amamos [...] Nosso apetite maníaco infinito nos deixou com outro modo de morrer [...] Avareza e fome nos levaram a nossa morte, um caminho que eu não consigo acreditar que seguimos [...] É apenas outro modo de morrer [...] (Donegan; Draiman; Wengren; Moyer, 2010).

Mediante tais enunciações, somos interpelados a pensar e discorrer sobre os problemas ambientais que atingem nossa sociedade, bem como a forma como o homem se relaciona com o planeta. “O homem vendeu sua alma para alimentar suas vaidades, suas fantasias e suas mentiras” (Child; Meine; Brazilian; Frederiksen, 2007), “Nosso apetite maníaco infinito nos deixou com outro modo de morrer” (Donegan; Draiman; Wengren; Moyer, 2010). São chamamentos potentes como esses que nos posicionam como os principais culpados e responsáveis pela degradação de nosso planeta. As enunciações apontam o homem como o centro de todos os problemas ambientais. As letras nos mostram as consequências de tanta devastação provocada por ele. Estamos diante de uma crise ambiental jamais vista pela humanidade – o aquecimento global, as geleiras derretendo, a vida consumista são os modos de ser e de viver do homem capaz de nos levar ao fim dos tempos. São enunciações como essas que vão nos interpelando e nos constituindo enquanto sujeitos.

Apoiando-nos na análise do discurso foucaultiano, o enunciado é de extrema importância para a “condição de existência” de um discurso. Sendo assim, entendemos que os artefatos culturais colocados em suspenso nos apresentam uma das formas de olhar para o discurso da Educação Ambiental: o homem como destruidor de nosso planeta.

Gostaríamos neste momento de fazer uma breve colocação sobre o antropocentrismo, concepção esta que posiciona o homem como o centro de todas as coisas. Tal forma de pensamento encontra-se amparada na passagem do mundo medieval para o mundo moderno. É neste período que encontraremos uma grande ruptura no pensamento da humanidade. O teocentrismo dará lugar ao antropocentrismo. É o rompimento com a velha ordem – e esta transição é marcada pelo surgimento do humanismo. É a valorização do homem, da razão que começa a despontar e reordenar este novo tempo. Podemos dizer que com a chegada do humanismo novas concepções de mundo irão orientar a nova cultura – homem, sociedade e natureza são mudanças que redefinirão “o lugar ocupado pelos seres humanos no mundo” (Grün, 2011, p. 29). Ainda para o autor, é no renascimento que



aparecem as primeiras manifestações deste novo tempo que marcou a história da humanidade. Um lugar de destaque poderia ser dado as artes, que de forma geral, expressaram de maneira significativa esta nova concepção. Seja na pintura, na arquitetura, na escultura ou na música – a excelência, a coerência, “o brilho e a sofisticação” dariam tom ao movimento que colocou o homem como o “senhor de seu destino” (Idem, p. 26). Ainda para o autor,

O renascimento é marcado por uma grande valorização do indivíduo. Na literatura, por exemplo, florescem os gêneros biográficos e autobiográficos, ao passo que na pintura predominam o retrato e o autorretrato. Algo muito importante acontece nesse período; as obras começam a levar a assinatura do artista. O Homem que reordenar o mundo. (Ibid., p. 25).

Em diferentes momentos da nossa história e da nossa cultura vamos construindo o mundo e dando sentido/significado a ele. No que se refere à natureza, podemos dizer que esta ao longo da nossa história vem sendo referenciada de diferentes formas – ora uma natureza boa e bela, ora uma natureza selvagem, temida. As diferentes concepções de natureza vêm se dando em tempos históricos e culturais diferentes. Dessa forma, isso significa que o ideal que temos de natureza é construído por meio da cultura. A forma de pensá-la na modernidade é como um objeto a ser dominado pelo homem, a natureza como um mercado, enfim, a natureza como um produto da cultura.

O tempo da natureza passa a ser o tempo da racionalidade humana. A natureza é mercantilizada. Tempo, negócios e natureza passam a andar juntos. Relações de mercado, natureza e lógica temporal antropocêntrica passam a formar um sistema complexo de inter-relações. De agora em diante, “tempo é dinheiro” – eis o novo lema. (Grün, 2011, p. 26) [grifo do autor].

Portanto, queremos evidenciar aqui, por meio dos artefatos culturais analisados, o quanto a natureza ainda é vista como algo separado do ser humano. Nas reportagens da revista *Veja* evidenciamos o quanto está no dito e no visível esta separação entre mundo natural e mundo humano, bem como esta mercantilização da natureza.

*A natureza é uma grande prestadora de serviços para a humanidade. E é ela quem dá os elementos básicos para a vida humana e o desenvolvimento econômico. (Revista *Veja*, ed. 1926, outubro de 2005, p.91).*



A mão do homem na matança das focas, na desolação do morador devastado pelo Katrina e na poluição chinesa: capacidade de mudar o planeta em escala geológica. (Revista Veja, ed. 1926, outubro de 2005, p. 87).

A matemática é simples, mas assusta. Nos próximos quarenta anos, a população mundial vai crescer 35% e superará 9 bilhões de pessoas. Ao mesmo tempo, a produção de alimentos precisará ser ampliada em 70%. Não apenas haverá mais humanos no globo como também eles serão mais ricos, terão um expectativa de vida maior e necessitarão de mais calorias. [...] A única saída para que o homem não seja vítima da profecia malthusiana de escassez de comida estará mais uma vez na tecnologia. (Revista Veja, ed. 2143, dezembro de 2009, p. 142).

Cerca de 90 milhões de pessoas seriam afetadas diariamente pelo aquecimento global. Dezenas de milhões de outras sofreriam os efeitos indiretos do fenômeno. Com o calor viriam as secas prolongadas e agudas. Em 25 anos, 5,4 bilhões de pessoas teriam de racionar água. Como escapar da catástrofe anunciada? (Revista Veja, ed. 1696, abril de 2001, p. 95).

Tais excertos apontam para o homem como o grande destruidor do planeta. Podemos evidenciar nas enunciações acima a separação entre mundo natural e mundo humano, ao perceber a natureza como um elemento meramente utilitarista dentro da nossa cultura. Precisamos preservar a natureza, por ser ela a fonte de riqueza do homem! Os excertos nos mostram a natureza como “uma grande prestadora de serviços” do homem. É ela a condição básica para a continuidade de vida na Terra, ou seja, precisamos cuidar do futuro da humanidade. Além disso, as enunciações nos apresentam o homem em sua capacidade de abreviar a vida dos animais e provocar furacões – aliás algo que nos chama a atenção são os nomes de humanos dados aos furacões (Furacão Rita, Katrina, Charley, Hugo), prática essa que tem seu marco inicial na década 1950, o que nos evidencia um olhar extremamente antropocêntrico.

Sendo assim, questionamos: como contrapor a ditos como esses tão legitimados pela ciência? O que nos move a tomar atitudes ecologicamente corretas, já que “Cerca de 90 milhões de pessoas seriam afetadas diariamente pelo aquecimento global” (VEJA, 2001, p. 95), anunciados por uma revista de ampla circulação no Brasil? As enunciações da revista *Veja* nos faz um alerta – precisamos cuidar de nosso planeta urgente! A regra é muito clara, a matemática não erra. A população mundial irá crescer 35%, não terá água limpa para o consumo de todos; o calor maltratará os seres humanos e isso provocará longas secas. Como escapar



desta catástrofe? As previsões são claras e assustadoras. Como alimentar os 9 bilhões de pessoas, marca esta prevista para os próximos 40 anos? (VEJA, 2009, p. 142). São chamamentos potentes como esses que apontam para o homem como o centro dos problemas ambientais, sustentando assim o enunciado do antropocentrismo.

Ao colocar em suspenso tais ditos, este estudo não pretende eximir responsabilidades diante dos nossos modos de ser, viver e estar no mundo. Ao evidenciar tal enunciado, não significa dizer que não saibamos das consequências ambientais a partir das ações humanas, mas ressaltar que estas não seriam as únicas responsáveis por toda degradação ambiental experienciada por nós. Vale acionar os ensinamentos foucaultianos e pensarmos sim na materialidade do fato – a crise ambiental que vimos experienciando –, mas também e fundamentalmente, nos discursos que desdobramos dessa materialidade, colocando o homem como aquele que exclusivamente é responsável por toda degradação ambiental do planeta.

Considerações Finais

Com os estudos realizados até o momento, nossa pesquisa “criou” dois enunciados potentes que vêm constituindo o discurso de Educação Ambiental a partir de artefatos culturais contemporâneos. Foram eles – Terror e Medo pela perda do planeta e Antropocentrismo – em que buscamos problematizar para discorrer sobre a formação discursiva posta em evidência: a Educação Ambiental. A criação dos enunciados se deu por estar presente nos artefatos culturais analisados nessa investigação, através de enunciações das mais diversas possíveis. Ao dizermos que criamos tais enunciados, se trata de uma invenção sim, enquanto pesquisadoras, mas de uma invenção possível, dentro da visibilidade dada pelo *corpus* discursivo do estudo. Como nos diz Foucault (2002), os enunciados não estão *lá* no mundo à espera de serem descobertos. Eles são tramados dentro da própria pesquisa que, utilizando ferramentas da análise do discurso, podem ser colocados em evidência.

Ao discorrer sobre os dois enunciados tentamos deixar claro que um se apoia no outro. Ao narrar a possível perda do planeta, as enunciações posicionam o homem como aquele responsável por essa suposta calamidade. Assim como nos ensinou Foucault, uma formação discursiva se sustenta por diferentes enunciados e estes, por sua vez, se apóiam um nos outros. “Não há enunciado que não suponha outros; não há nenhum que não tenha, em torno de si, um campo de coexistências”. (Foucault,



2002, p. 114). As coexistências funcionam como reativações necessárias para acionar o homem como “o principal responsável” pelas devastações ambientais e para, como isso, anunciar uma suposta perda de nosso planeta. Assim, junto com isso, muitos artefatos culturais ensinam, *pedagogizam* as formas como devemos nos comportar no mundo para que façamos algo em prol do planeta.

Diante disso, parece-nos necessário pensar nas articulações entre homem, meio ambiente e cultura. Como nos entendermos pertencentes ao planeta Terra, se ainda olhamos a natureza como uma mera fonte de recursos? Como assumirmo-nos enquanto sujeitos conectados com o meio ambiente quando o que muitas vezes nos move é preocupação com a perda do planeta?

Quando assumirmos nossa inextorquível relação com o mundo, reconhecendo-se nele, talvez possamos, quem sabe, tomarmos atitudes – sejam elas chamadas de ecologicamente corretas ou não, pouco importa! – que acionem em nós uma ética do cuidado planetário. Não porque queremos algo em troca, mas pelo simples fato de nos entendermos como parte imiscuída e fabricada pelo próprio mundo.

Referências Bibliográficas

- Alerta Global (30 de setembro de 2006). *Veja*. São Paulo. Ed. Abril, ed.1989.
- A Terra no Limite (12 de outubro de 2005). *Veja*. São Paulo. Ed. Abril, ed. 1926.
- A Vingança da Natureza (18 de abril de 2001). *Veja*. São Paulo. Ed. Abril, ed.1696.
- Bauman, Z. (2007). *Tempos Líquidos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Carvalho, I. C. M. (2008). *Educação Ambiental: a formação do sujeito ecológico*. São Paulo: Cortez.
- Child, D., Brazilian, E., Meine, K. & Frederiksen, M. (2007). *Humanity. Scorpions. Humanity. Hour I*. União Européia: Sony/BMG, nº 12.
- Donegan, D., Draiman, D., Wengren, M. & Moyer, J. (2010). *Another way to die. Disturbed. Asylum*. Austrália: Reprise Records, nº 5.
- Estamos devorando o planeta (16 de dezembro de 2009). *Veja*. São Paulo. Ed. Abril. ed. 2143.
- Foucault, M. (2002). *A arqueologia do saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária.
- Foucault, M. (2004). *A ordem do discurso*. São Paulo: Edições Loyola.
- Foucault, M. (1985). *História da Sexualidade I: a vontade de saber*. Rio de Janeiro: Edições Graal.
- Foucault, M. (2005). *Em defesa da Sociedade: curso no Collège de France (1975-*



- 1976). São Paulo: Martins Fontes.
- Foucault, M. (2008a). *Segurança, Território, População: curso no Collège de France (1978)*. São Paulo: Martins Fontes.
- Foucault, M. (2008b). *Nascimento da Biopolítica: curso no Collège de France (1979)*. São Paulo: Martins Fontes.
- Gomes, M. R. (2003). *Poder no jornalismo*. São Paulo: Edusp.
- Guattari, F. (2009). *As Três Ecologias*. Campinas, SP: Papirus.
- Guimarães, L. B. (2007). Pesquisas em EA: olhares atentos à cultura. In M. L. Wortmann, L. H. S. dos Santos, D. Ripoll, N. G. S. Souza & E. A. I. Kindel (Org). *Ensaio em Estudos Culturais, Educação e Ciência: a produção cultural do corpo, da natureza, da ciência e da tecnologia – instância se práticas contemporâneas* (p. 237-246). Porto Alegre: UFRGS Editora.
- Guimarães, L. B. (2006, abril). A natureza na arena cultural. *Jornal A Página*. Portugal: ano 15, número 155. Disponível em <http://www.apagina.pt/?aba=7&cat=155&doc=11474&mid=2>.
- Grün, M. (2011). *Ética e Educação Ambiental: a conexão necessária*. Campinas, SP: Papirus.
- O Fim do Mundo (30 novembro de 2009). *Veja*. São Paulo. Ed. Abril, ed. 2137.
- Pozzi, E. & Pozzi, P. (2004). Condenados. Cólera. In: *Cólera. Deixe a terra em paz*. Brasil: Devil Discos, 1 CD.
- Reigota, M. (2009). *O que é educação ambiental*. São Paulo: Brasiliense.
- Wortmann, M. L. (2001). Investigação e educação ambiental: uma abordagem centrada nos processos de construção cultural da natureza. *Educação: teoria e prática*, 9(16-17), 36-42.